

Caminhos da investigação em jornalismo: Identidades, agendas, formatos e espaços sociais do jornalismo

Cristina Ponte (UNL)

Jorge Pedro de Sousa (UFP)

O conjunto das comunicações apresentadas nesta Mesa Temática dá conta da diversidade de objectos, enquadramentos, metodologias de pesquisa e perfis de investigadores que tem vindo a caracterizar a pesquisa em Jornalismo no nosso país, também ela relativamente recente, como nas restantes áreas temáticas das Ciências da Comunicação. Inclui ainda contributos de investigadores da Galiza e Brasil.

Foi nossa intenção valorizar essa diversidade e, através da agregação de comunicações sob espaços temáticos com possíveis afinidades, evidenciar e explorar os seus cruzamentos, contribuindo desse modo para uma visão integradora dessa pesquisa. Fazemo-lo tendo presente a perspectiva de um “ecletismo crítico” para o estudo dos fenómenos da comunicação, que James Halloran (1998) aponta como desejável num campo de pesquisa por natureza multidimensional, e também a recomendação de Barbie Zelizer, sobre a necessidade de cruzar lentes disciplinares para um estudo do jornalismo que dê conta da sua complexidade e intersecção nas teias políticas, económicas, sociais e culturais que constituem o seu campo de intervenção como instituição social. Como escreve Zelizer: “Quanto mais enriquecermos as nossas perspectivas sobre a análise das notícias envolvendo perspectivas alternativas como parte mais integral do nosso pensamento, mais poderemos apreciar o que cada tipo de inquérito tem para nos oferecer e compensar a antiga consideração de que um único tipo de inquérito nos pode dar resposta cabal ao que procuramos” (2004: 214).

A distribuição das comunicações por quatro mesas temáticas procurou permitir a constituição de agregados relativamente próximos, de modo a estimular e a facilitar a discussão entre pares, nos momentos de debate e nos contactos futuros.

Um primeiro painel centra-se em aspectos de **identidade profissional**, sobre quem são os jornalistas, que relações mantêm com os contextos sociais e com os ambientes

culturais onde exercem a sua profissão, que desafios se colocam a essa identidade no cenário actual de exercício do jornalismo.

Encontramos aqui a valorização da dimensão histórica na pesquisa em jornalismo, presente em três das seis comunicações. Esta parece ser, assim, uma lente a afirmar-se com entusiasmo. Não por acaso encontramos em vários autores destas comunicações a marca de uma formação académica em História e noutras Humanidades, que se veio a combinar com pós-graduações em Ciências da Comunicação.

Rogério Santos, da Universidade Católica, traça-nos o percurso de Armando da Silva, jornalista da imprensa regional, director do semanário *Espectáculo* e realizador do filme *Capas Negras* (1947). Cruzando o seu precário exercício do jornalismo com o interesse pelas artes, em particular pelo cinema, a biografia que nos traça, baseada em pesquisa documental, sublinha assim elementos de ligação entre o exercício do jornalismo e outras expressões culturais, aspecto com muito por explorar na pesquisa sobre figuras do jornalismo português.

Duas outras comunicações assentam igualmente no tempo histórico, aqui na atenção a um passado mais recente, o do exercício do jornalismo em Portugal nas décadas de 60 e 70. Do retrato focalizado no sujeito singular passamos para o fresco de uma época particularmente complexa e tensa, um período de viragem no jornalismo e na sociedade portuguesa.

Fernando Correia, da Universidade Lusófona, e Carla Baptista, da Universidade Nova, numa investigação. *Memórias do Jornalismo*, assente em entrevistas a profissionais que viveram essa época nas redacções, e também em documentos de imprensa, traçam o retrato dinâmico da década de 1960. Os dois investigadores assinalam os seus sinais de mudança, que irão contribuir assim para “a conquista de uma identidade profissional e o alargamento do campo de influência social do jornalismo”, apesar das difíceis condições do seu exercício.

De certa forma articulada com a intervenção anterior, a comunicação de Ana Cabrera, do Centro de Investigação Media e Jornalismo, incide no momento particular do exercício do jornalismo no período marcelista (1968-1974), registando as alterações verificadas na classe profissional enquanto corpo organizado, e então restrita aos jornalistas da imprensa diária. A pesquisa documental foi aqui a matriz metodológica, apoiada também em entrevistas, e a autora recorreu a arquivos históricos e profissionais,

como os do Sindicato dos Jornalistas, que lhe permitiram caracterizar a posição profissional dos jornalistas sindicalizados quanto ao seu estatuto laboral e remuneratório.

Também ancoradas no tempo histórico mas focalizando a reflexão no presente, as restantes comunicações deste painel incidem sobre os desafios que se colocam à identidade profissional dos jornalistas na actualidade, em contextos tecnológicos, organizativos e empresariais de grande transformação.

É a atenção ao tempo histórico e às suas contingências que leva Joaquim Fidalgo, da Universidade do Minho, a propor-se ultrapassar “os esquemas algo rígidos a que a perspectiva funcionalista circunscreveu o estudo dos grupos profissionais”. O autor apresenta, em alternativa, abordagens sustentadas em questões éticas e deontológicas, e também em imaginários culturais e de representação identitária, “que ajudem a compreender de que modos particulares o jornalismo se foi, e vai, constituindo em profissão”.

O ambiente contemporâneo dos meios de comunicação e as mutações que acarreta no exercício do jornalismo profissional, na afirmação ou apagamento das suas fronteiras, é o prisma explorado por Sara Meireles Graça, da Escola Superior de Educação de Coimbra. Num “universo mediático que deixou de ver no jornalista a sua peça fundamental”, a autora apresenta-nos perspectivas da diluição do imaginário tradicional do exercício da profissão, “num interior” em que a política foi suplantada pela economia, como refere Michel Mathien, e onde também mudaram as prioridades dos públicos, incomensuravelmente alargados, mais dispersos e saturados de informação. Neste contexto, considera a autora, importa pesquisar como se pensam hoje os jornalistas enquanto “comunidade” e que objectivos profissionais desejam impor a si próprios.

Na continuidade desse desafio, o retrato dos jornalistas on-line em Portugal, traçado por João Canavilhas, da Universidade da Beira Interior, a finalizar este painel, procura assinalar alguns traços de identidade dos jornalistas que têm vindo a trabalhar neste tipo de suporte, na última década, dando conta de valores comuns. Com base num inquérito efectuado junto de publicações exclusivamente on-line ou com versão on-line, o autor apresenta quem são, o que fazem, que formação possuem e o que pensam da sua actividade profissional.

Um segundo painel centra-se na atenção a coberturas da **agenda pública**, em torno de acontecimentos de calendário, disruptivos e ainda de questões sociais, privilegiando-se aqui a dimensão comparada no desenho metodológico das pesquisas. Quatro das seis análises privilegiam o foco longitudinal comparado, com atenção a coberturas de certos temas nos mesmos órgãos de comunicação social, em diferentes tempos, sendo a atenção à agenda política aqui dominante.

A maior diferença temporal é apresentada na comunicação de Estrela Serrano, da Escola Superior de Comunicação Social, que incide na evolução dos géneros jornalísticos utilizados na cobertura de campanhas eleitorais pelo *Diário de Notícias*, no período entre 1976 e 2000. Como nota a autora, é notória a transformação das formas de escrita, surgindo no período mais recente peças de difícil enquadramento nas categorias tradicionais dos géneros jornalísticos. A dimensão avaliativa dos jornalistas, com as suas “notas” à margem, combina-se com a dimensão lúdica, traduzida no “Jogo das Presidenciais”. Elementos de comentário do jornalista (e dessa forma do jornal) acentuam assim o papel crescentemente protagonista dos media neste campo, na linha do que vem sendo acentuado por investigadores da Ciência Política. Tomando como referência essa lente, Estrela Serrano combina-a aqui com uma atenção às formas textuais das peças jornalísticas, convocando contributos das Ciências da Linguagem.

Das “lógicas de mediatização do campo jornalístico” também fala a comunicação de Vanda Calado, do Centro de Investigação Media e Jornalismo, focando-se na cobertura de imprensa de eventos partidários (Congressos, Convenções) em períodos de final de mandato político. Com base na cobertura de imprensa (*Diário de Notícias*, *Público*, *Independente*, *Visão* e *Expresso*) de Congressos e Convenções partidárias ocorridos em dois finais de mandatos, respectivamente em 1994-1995, de Cavaco Silva, e em 2000/2001, de António Guterres, a pesquisa procura analisar as lógicas jornalísticas e partidárias que presidem à mediatização desses eventos, e identificar factores de co-produção e de confrontação que se manifestam entre essas duas lógicas.

Prosseguindo a comparação temporal, agora num período mais curto, a comunicação de Hália Costa Santos, da Escola Superior de Tecnologia de Abrantes, procura verificar as diferenças e/ou semelhanças de tratamento jornalístico, pelo *Público* e *Diário de Notícias*, dos primeiros 100 dias de governo de Durão Barroso (2002) e de Santana

Lopes (2004), percorrendo aspectos quantificáveis mas não prescindindo da atenção ao “tom” da presença do tema em primeira página. Inserindo essa análise no contexto da direcção editorial de cada jornal, a autora dá conta de linhas de continuidade e de aproximação entre os dois jornais, concluindo que nesta matéria ambos “se pautam por opções semelhantes no que toca à selecção e hierarquização da informação”.

Ainda numa dimensão longitudinal, a comunicação de Daniela Sousa, mestranda na Universidade Nova de Lisboa, incide na cobertura jornalística do tema da violência sexual sobre crianças, sobre a qual existem recomendações de natureza ética e deontológica, por parte da Federação Internacional de Jornalistas. A autora toma como base comparativa notícias publicadas nos primeiros três meses de 2000 pelo *Público* e *Diário de Notícias*, antes da irrupção do tema na agenda mediática nacional por via do caso Casa Pia, e confronta esse tratamento com resultados do trimestre correspondente de 2005, nos mesmos jornais, constatando a profunda marca que adveio na visibilidade dessa problemática por via do Caso Casa Pia.

Escolhendo como base de comparação a cobertura jornalística de revistas de informação de Portugal (*Visão*, *Focus* e *Sábado*) e do Brasil (*Isto É*, *Veja* e *Época*) aos acontecimentos da escola de Beslan, na República Federada Russa da Ossétia do Norte, em Setembro de 2004, a comunicação de Erica Lima, da Universidade Metodista de São Paulo, e de Jorge Pedro de Sousa, da Universidade Fernando Pessoa e do Centro de Investigação Media e Jornalismo, procura detectar traços de semelhança e de diferença nesse tratamento, através de uma análise de conteúdo centrada sobre critérios de noticiabilidade, macro temas, géneros textuais, origem e tipo das fontes utilizadas e suas características, e ainda enquadramentos fotográficos e suas personagens. Como conclusões, os autores sublinham a proximidade das linhas dessa cobertura nas revistas dos dois países e assinalam que as maiores diferenças no tratamento jornalístico se registam na presença de fontes, “mais polifónicas” nas revistas portuguesas.

Por fim, com um carácter ensaístico, a reflectir sobre os vários tipos de “racionalidade jornalística”, a comunicação de João Carlos Correia, da Universidade da Beira Interior, incide sobre a representação jornalística da doença “como mecanismo de controlo social e espaço de mediação entre a ciência e a vida quotidiana”, que enquadra no contexto das “sociedades de risco”. O autor apresenta em contraponto tendências de certas formas de jornalismo popular, onde se podem verificar “elementos discursivos que favorecem a

exclusão do outro ou, pelo menos, a dificuldade na sua apresentação”, por um lado, e “práticas enunciativas que promovem uma cultura baseada no culto estereotipado de beleza e da juventude associado à moda e ao consumo”, por outro.

Um terceiro grupo de comunicações centra-se nos **formatos da informação**, com destaque para o digital e para novos espaços noticiosos, como os canais exclusivamente informativos ou a presença dos jornais tradicionais em ecrã informático, mas sem esquecer as respostas ensaiadas pelos meios tradicionais.

Num enquadramento teórico que “privilegia a dimensão processual da articulação da Internet com as práticas já instituídas dos actores sociais”, neste caso as empresas jornalísticas e os jornalistas a elas afectos, a comunicação de Pedro Neto, do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES/ISCTE), pretende avaliar a presença na Internet dos diários generalistas nacionais de maior circulação nacional. O autor revê de modo crítico perspectivas positivistas e pós-modernas que têm marcado a caracterização de vários tipos de mudanças introduzidas pela Tecnologias de Informação e Comunicação, sublinha “a prevalência de traços de continuidade social” e propõe uma “abordagem simultaneamente económica, técnica e cultural” para uma avaliação do papel dessas tecnologias no campo do jornalismo.

O impacto da Internet no jornalismo televisivo e radiofónico português, estudado por Sandra Amaral e Gustavo Cardoso, também do CIES/ISCTE, tem como campo de análise as representações e as práticas dos jornalistas da SIC e da TSF. O inquérito foi o instrumento metodológico escolhido para dar conta de como estes jornalistas utilizam a Internet nas suas rotinas profissionais, e como consideram o webjornalismo por comparação com os modelos tradicionalmente adoptados naqueles dois meios. Procura-se assim averiguar como profissionais de meios diferentes se aproximam e se diferenciam quanto ao uso que fazem da Internet e quanto ao discurso que constroem sobre as novas formas de jornalismo que activa. Num segundo plano, procura-se ainda perceber se a introdução da Internet nessas redacções significa “ruptura, transposição ou complemento” das características tradicionais da informação aí produzida.

A comunicação de Suzana Barbosa, doutoranda da Universidade Federal da Bahia, explora as bases de dados como formatos específicos do jornalismo digital, marca o seu “diferencial” em relação às formas tradicionais de jornalismo, e acentua as

possibilidades combinatórias que daí advêm. Pensando estas “novas funcionalidades” num contexto simultaneamente filosófico e tecnológico, a autora destaca como um produto digital estruturado em bases de dados tem potencial de produzir “diferentes configurações para as informações e, inclusivamente, novas tematizações ou elementos conceituais para a organização e apresentação dos conteúdos”.

A marcação digital dos géneros jornalísticos é a perspectiva acentuada pela comunicação de Daniela Bertocchi, mestranda da Universidade do Minho. Cruzando enquadramentos das Teorias Literárias, das Teorias do Jornalismo e das Teorias dos Novos Media e recordando como os géneros jornalísticos são “um pacto implícito entre interlocutores”, a autora observa como em espaços jornalísticos digitais os géneros jornalísticos “tendem a manifestar-se dentro de uma lógica mais hipertextual, interactiva e muldimidiática”.

“Reinvenção” a palavra-chave do título da comunicação de Xosé López, da Faculdade de Ciências da Comunicação de Santiago de Compostela, para dar conta do desafio colocado aos jornais tradicionais perante as novas linguagens e novos produtos introduzidos pelo jornalismo em linha. O autor dá conta de resultados de uma pesquisa sobre os conteúdos textuais e aspectos formais de jornais diários da Galiza que indiciam a procura de maior proximidade com os seus leitores. A maior presença de géneros jornalísticos interpretativos e de ligação ao local, como a análise, a reportagem e a crónica, evidencia não só uma “tendência para recuperar a função reflexiva da imprensa”, como permite uma maior presença de fontes da sociedade civil organizada. O “galeguismo” e o “europeísmo” tornaram-se também duas identidades privilegiadas por esta imprensa, num posicionamento editorial exterior ao tradicional binómio político entre centro-direita e centro-esquerda.

A reflexão sobre a realidade jornalística da SIC Notícias, nomeadamente em torno dos seus recursos tecnológicos e rotinas profissionais, é o terreno sobre o qual se comenta quatro conceitos fundamentais do campo jornalístico: tempo, linguagem, imagem e fontes. A comunicação sobre os poderes e os limites do jornalismo televisivo, de Ana Isabel Martins, finalista da Faculdade de Letras de Coimbra, apresenta-se assim como uma leitura crítica desse meio, na sua “dupla dimensão de poder (a Caixa Mágica) e de limite (a Caixa de Pandora)”.

Um quarto e último painel de discussão abrange **inter-relações entre jornalismo, espaço público e cidadania**, numa diversidade de manifestações. Encontramos aqui a expressão da voz dos cidadãos, em cartas ao director como no novo espaço dos blogues, a atenção às características de socialização profissional de um jornal de orientação católica, o contraste de identidades linguísticas expressas no noticiário televisivo de origem local e de dimensão nacional, no Brasil; e por fim, duas reflexões sobre processos de formação de futuros jornalistas por parte de instituições de ensino.

A comunicação de Marisa Torres da Silva, doutoranda na Universidade Nova de Lisboa, incide nas cartas dos leitores, um possível “contraponto à tendência para a tecnicização do discurso jornalístico”, podendo funcionar como “uma espécie de arena para a discussão pública”, apesar dos constrangimentos com que essa expressão se exerce nas páginas do jornal. Combinando metodologias de análise, que incluíram observação participante, e centrando-se no jornal *Público*, a autora assinala critérios e princípios de selecção que identificou na pesquisa empírica e aprecia como a voz dos leitores é aí construída e constituída como “lugar de debate crítico-racional”.

Os efeitos da crescente publicação pública pessoal, expressa nos blogues, sobre o jornalismo e os seus papéis tradicionais na produção de conteúdos é o tema da comunicação de Catarina Rodrigues, da Universidade da Beira Interior. Considerando-os como um fenómeno comunicacional que pode interagir com o jornalismo e complementá-lo, a autora interroga-se sobre se será ou não possível falar dos blogues “como uma forma de jornalismo participativo”, enquanto “jornalismo complementar” ou mesmo enquanto “jornalismo alternativo” ao das agendas mediáticas dominantes.

Do Brasil, vem uma análise de matriz linguística, sobre as identidades do jornalismo televisivo, entre a regionalização e a padronização. Tomando como base a consideração de que nesse país imenso “os sotaques são quase dialectos”, que podem impedir ou prejudicar a compreensão da informação transmitida, os seus autores, Débora Lopez e José Dittrich, comparam dois telejornais emitidos em Cascavel (oeste do Paraná), um produzido localmente e outro da rede nacional da cadeia Bandeirantes. São confrontadas as posturas, entoações e estratégias discursivas de apresentadores e repórteres, a fim de identificar a presença ou ausência de especificidades ou de homogeneização.

Os ambientes de socialização na redacção de um jornal diário de orientação religiosa são o tema tratado na comunicação de Luísa Ribeiro, da Universidade do Minho. Num

terreno que tem permanecido relativamente inexplorado na pesquisa empírica sobre a imprensa, é propósito da autora dar conta de como a pertença de um órgão de informação à Igreja Católica se manifesta na socialização profissional dos estagiários que aí acorrem e na cultura jornalística e posicionamento religioso partilhados pelos seus profissionais.

Considerando que “a formação curricular de futuros jornalistas terá de passar pelo contacto efectivo com os media, pela manipulação e avaliação dos seus produtos informativos e pelo acompanhamento da actualidade informativa”, a comunicação de Manuel Pinto e Sandra Marinho, da Universidade do Minho, apresenta uma investigação longitudinal em torno dos usos dos media por parte de estudantes de Comunicação Social/Jornalismo dessa Universidade, iniciada em 2001 e ainda em curso.

A encerrar este painel, outro contributo sobre processos de formação inicial de jornalistas, apresentada por Pedro Leal e Fernando Zamith, da Universidade do Porto, incide sobre o potencial de uma redacção multimédia como instrumento de ensino/aprendizagem e de integração no mercado de trabalho. O modelo inspirador deste ciberjornal foi a BBC Online.

Tendências e perspectivas na pesquisa em jornalismo

Apresentados de forma sumária os quatro painéis de comunicações sobre o jornalismo, alguns pontos se destacam sobre o “estado da arte” dessa pesquisa. Como referimos no início, é estimulante ver como este tem sido um campo que se tem vindo a alargar nas lentes com que é encarado, cruzando-se investigadores provenientes da Sociologia, da História, da Filosofia, dos Estudos da Comunicação, dos Estudos da Linguagem, a par de um particular interesse pelas questões éticas e políticas com que o jornalismo necessariamente terá de ser pensado.

Do prisma dos objectos de estudo, se é interessante notar como todos os suportes aparecem como alvo de atenção (imprensa, rádio, televisão, Internet), não deixa de ser notória a ainda hegemonia do suporte impresso, particularmente quando as metodologias activam a análise de conteúdos jornalísticos. A este facto não são alheias as dificuldades de acesso a arquivos sonoros e audiovisuais, questão para a qual uma

entidade como a SOPCOM deverá chamar a atenção e procurar assegurar a existência de condições facilitadoras do acesso a arquivos para efeitos de investigação.

Nas metodologias activadas, predominam a análise de conteúdo e o inquérito a profissionais, notando-se de certa forma o predomínio da matriz sociológica mais clássica do estudo do jornalismo. A análise de conteúdo continua a ter como alvo dominante as peças jornalísticas mas encontramos também aqui a atenção à sua activação na pesquisa documental, nomeadamente pela atenção a fontes que se podem constituir como importantes reservatórios de pesquisa, como é o caso das fontes sindicais, da correspondência e das biografias. Ainda que com presença escassa, é de assinalar o recurso a entrevistas em profundidade, activadas em estudos sob a lente da História. Também assinalamos a observação participante em redacções, bem como linhas de análise discursiva da informação ancoradas nos estudos da linguagem e nas suas dimensões formais e pragmática.

Por fim, não podemos deixar de referir uma quase ausência: a pesquisa sobre públicos deste jornalismo, a interpelar investigadores a activarem a sua atenção para o que fazem as pessoas com as notícias, como as pensam, como as reproduzem ou delas se demarcam, contrapondo à sua hegemonia leituras negociadas ou de resistência. Para além do contributo da Universidade do Minho, focado nos seus estudantes de Comunicação, e dos breves sinais dos leitores participantes na “estreita esfera pública” das cartas ao director, essa linha do circuito da comunicação também merece ser investigada com a seriedade e a procura de rigor que caracterizam outras pesquisas, focadas nas condições de produção informativa e nos seus conteúdos.

Referências bibliográficas

HALLORAN, J. “Mass Communication Research Methods: Asking the Right Questions”. In: HANSEN, A.; COTTLE, R.; NEGRINE, R. e NEWBOLD (Eds.): *Mass Communication Research Methods*. London: Palgrave, 1998: pp. 9-34.

ZELIZER, B. *Taking Journalism Seriously*. Thousand Oaks: Sage, 2004.